

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A antiguidade no Islã: *Jāhiliyya* ou a ditadura dos ignorantes.

Jāhiliyya ou “Idade da Ignorância ou da barbárie” é um termo que refere-se ao tempo antes do Islã e de Muhammad. O termo serviu para caracterizar a suposta ignorância ou rejeição pela antiguidade e seu legado que caracterizaria as sociedades e religiões islâmicas desde seus primórdios até o presente. No entanto, essa não é uma definição correta do termo, nem essa parece ser a atitude geral em relação ao passado no Islã. O objetivo desta conferência será analisar o verdadeiro significado deste termo e a origem e finalidade da sua deturpação, a partir do século XVIII e XIX, pelas mãos de alguns eruditos europeus, que assim o justificam, aludindo a um desconhecimento tradicional devido à antiguidade, a apropriação de um legado que sempre fez parte de cada uma das comunidades islâmicas. Como, então, o Islã entende a época pré-islâmica e sua permanência e como essas interpretações ou deturpações do termo *Jāhiliyya* determinam eventos mais recentes e conceitos modernos e “europeos” como patrimônio, civilização ou barbárie? Inclusive, como os terroristas do DAESH aludem à *Jāhiliyya* para justificar suas ações?

Este é por tanto um trabalho sobre historiografia, tentando resgatar a origem de certas ideias que parecem estar ainda firmemente estabelecidas tanto no nível acadêmico quanto na sociedade em geral. Com tudo, o trabalho vai ser elaborado partindo das bases e fontes escritas e materiais, destacando especialmente a atenção para a recepção da estatuariedade antiga nas sociedades islâmicas dos séculos XVIII-XXI. O trabalho, finalmente, aprofundará e elaborará em torno a várias perspectivas de análise.

- Uma perspectiva historiográfica sobre o Orientalismo, considerando a visibilidade e invisibilidade de Oriente e dos Orientais/Muçulmanos, sua presença e ausência na narrativa europeia sobre recepção da antiguidade e o papel desempenhado por os locais e muçulmanos (a presença deles na mídia e na academia) nas narrativas, frequentemente como destrutores ou vítimas, mas não tanto como agentes e mediadores na criação de significado e valor dado aos vestígios e a antiguidade.

- Uma perspectiva de comparação e interconexão entre fontes escritas e materiais, sobre a Antiguidade (e a realidade dos vestígios dela no Próximo Oriente) e sobre o que dela se escreve nos séculos XVIII e XIX em relação com o mundo islâmico e as sociedades muçulmanas. O termo “presença” aparece aqui em referência a aqueles monumentos e artefactos que são mencionados e inclusos nas narrativas europeias sobre a Antiguidade, as ruínas e o Islã. Ao mesmo tempo, as ausências e invisibilidades também vão ser retratadas.

- Uma perspectiva de subalternidade também será considerada neste trabalho, tentando recuperar a voz e a presença dos habitantes locais, a função social da antiguidade e dos vestígios no contexto social, rural e urbano. A antiguidade é aqui presença além da própria presença física e material dos vestígios, como práticas, memórias e identidades locais.

- E uma perspectiva de provocação em torno a uma pergunta: pode ser a antiguidade neutra, sem presença? Podem os vestígios antigos ficar no limbo. É a ausência de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

referencias sobre as ruínas locais prova o cogerência de uma suposta indiferencia pela antiguidade?